

O perfil da mulher hebreia

The profile of the Hebrew woman

Soelma Costa da Fonseca Lima

Doutora em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra (UC)

soelmafonseca@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0193902137188417>

Resumo

Desde os tempos mais remotos a mulher tem passado por sérias privações em seus direitos mais simples. A cultura patriarcal sempre instruiu as mulheres a viverem a vida dos seus maridos e dos filhos, mas não a delas mesmas, não permitindo serem livres independentes e autônomas. A cultura, a sociedade e principalmente as religiões sempre negaram às mulheres o seu pleno direito de demonstrar a sua capacidade humana, e de exercerem os seus dons, talentos e direitos de acordo às suas próprias necessidades, e convicções. A sociedade induziu as mulheres para se compreenderem como objetos sexuais, subordinados, submissas, menos sábias que os homens. A mulher hebreia tinha os seus direitos limitados, demonstrando assim, a nítida marca de uma cultura patriarcal.

Palavras-chave: Antiguidade. Cultura Patriarcal. Sociedade.

Abstract

Since the most remote times, women have gone through serious deprivations in their simplest rights. Patriarchal culture has always instructed women to live the lives of their husbands and children, but not their own, not allowing them to be free, independent and autonomous. Culture, society and especially religions have always denied women their full right to demonstrate their human capacity, and to exercise their gifts, talents and rights according to their own needs and convictions. Society has induced women to understand themselves as sexual objects, subordinate, submissive, less wise than men. The Hebrew woman had her limited rights, thus demonstrating the clear mark of a patriarchal culture.

Keywords: Antique. Patriarchal Culture. Society.



Introdução

As Mulheres hebréias, eram esposas, mães, rainhas, princesas, prostitutas e as marginais. Foram mulheres que se levantaram para mudar a história de um povo, diferente de como aparece na literatura bíblica, que em maior parte do tempo conta a história dos homens com mais evidência e empolgação que a das mulheres. Mesmo tendo sido apresentadas ao mundo como quem tem suposta fragilidade, sabedoria, coragem, amor, fé e determinação, elas modificaram com fórmula definitiva o movimento de se fazer história pelo tempo chamado eternidade. Para conhecê-las, no entanto, é necessário um estudo apurado de como era a sua vida na sociedade em que estavam inseridas.

Para construção da narrativa do perfil da mulher hebréia na cultura do Antigo Testamento, depende muito de uma análise da sua classe socioeconômica, do grau de androcentrismo da época, do território geográfico, da política e do momento da História inserida.

A Mulher na Sociedade Israelita

Era comum no Antigo Israel, as posições de poder na comunidade pertencerem às seguintes categorias de pessoas: os mais velhos ou “homens sábios” do clã, da tribo ou localidade (que agiam como líderes e ministradores de justiça), os líderes religiosos (sacerdotes, profetas, magos, poetas e oradores) e os líderes militares. Assim que a monarquia foi instituída, o rei assumiu a suprema posição no topo da hierarquia social, e seus parentes mais próximos e cortesãos passaram a exercer uma grande influência. O rei, é claro, aspirava a subordinar todas as categorias de poder social à sua própria lei: a história do conflito entre Samuel e Saul, o primeiro rei de Israel, indubitavelmente se desenvolve no ângulo pessoal, mas, também, reflete como a instituição do reinado empenhou-se na centralização do poder por meio da subordinação da instituição religiosa (1Sm 15). Sob Salomão, o modelo de tribo tradicional teve de ser destruído para poder formar-se uma entidade nacional mais ampla (1Rs 4). A luta pela supremacia política, cultural e religiosa entre rei e líder local, rei e profeta, rei e sacerdote continuou através da era do primeiro Templo. Com a destruição deste, a monarquia foi abolida e, da época do exílio na Babilônia em diante, a instituição religiosa reinou suprema. Sacerdotes, professores da Torá e de preceitos religiosos, escribas e profetas foram os principais propulsores da vida da comunidade, e seu papel tornou-se cada vez mais crucial para o bem estar de sua sociedade, bem como para o desenvolvimento do judaísmo. Onde ficavam as mulheres em relação a essas posições-chaves de poder? Começando no topo da escala social, elas poderiam tornar-se monarcas? Poderiam agir como as mais velhas da tribo ou do local? Havia mulheres oradoras e poetisas que eram reconhecidas como tais, e que desfrutavam de uma posição de influência local ou nacional? As mulheres do Antigo Israel não podiam atuar como sacerdotisas. Praticariam outras vocações religiosas, tais como atividades proféticas ou mágicas? Poderiam tornar-se líderes militares ou juízas, no sentido militar e jurídico do termo bíblico “juiz”? Muito poucas mulheres dos tempos bíblicos procuraram atingir posições proeminentes fora de suas casas e de suas famílias, de acordo com as fontes do Antigo Testamento. Dentre aquelas que o fizeram, um



número ainda menor conseguiu atingir um grau de reconhecimento público (BRENNER, 2001, p. 11).

Athalya Brenner (2001,11-40) aponta que a sociedade israelita era muito fechada, no que diz respeito à participação da mulher nas funções sociopolíticas da época, de modo que, raramente, alguma mulher aparece nas páginas do texto veterotestamentário como quem ocupa algum lugar de importância, exceto na sua própria casa. Por essa razão, os cargos oficiais estão sempre sob o domínio do homem, e algumas mulheres desses homens, apenas aparecem com algum grau de importância no exercício dessas funções oficiais.

A evidência da incumbência da mulher de manter a casa e os animais abastecidos de água ilumina ainda mais a ideia da importância que foi a sua participação no processo de crescimento e manutenção da economia familiar. Uma vez que sua tarefa é por demais importante para que se faça continuar o bem-estar do núcleo familiar, e que sem o seu cuidado, tais tarefas caberiam ao homem, e dessa forma este talvez lidasse com enormes dificuldades no desempenho das atividades domésticas.

Notemos aqui algumas mulheres com participações importantíssimas, e notáveis na comunidade israelita, que pela própria história desconstruem a concepção de que a mulher existe apenas para procriar:

Rebeca está entre as mães, de grandes homens na Bíblia, mães de heróis da história apresentada em *Gênesis*, de sorte que, mesmo não tendo elas nenhuma função importante na sociedade, mais tarde elas aparecem como parte importante da construção da história antiga da Bíblia (BRENNER, 2001, p. 133).

Dessa forma, é possível afirmar que, muito embora elas não pareçam tão importantes no momento dos fatos em si, elas cobrem uma boa parte da história que só tem o sentido que posteriormente conhecemos, e o valor que daí se extrai, por causa de suas efetivas participações.

No entanto, é bom frisar que, a mulher não estava proibida de exercer cargos elevados, pois, a história antiga vai nos apresentar mulheres de grande destaque e de excelentes figuras, pois algumas delas no antigo Israel ocuparam posições de proeminência:

Os Sacerdote Helcias, Aicam, Acobor, Safã e Asaías foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Selum, filho de Ticua, filho de Haraas, guarda dos vestiários; ela morava em Jerusalém na Cidade Nova. Expuseram a questão. (2 Rs 22:14) Helcias e os mensageiros do rei foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Selum, filho de Têcua, filho de Haraas, guarda do vestiário; ela morava em Jerusalém, na Cidade Nova. Transmitiram-lhe o recado (2 Cr 34:22).



A profetisa Hulda, mulher considerada sábia e muito respeitada, foi consultada pelo rei Josias e fez duras repreensões e advertências pelos desvios do povo (2 Rs 22:14-20). Débora foi juíza sobre todo o Israel. “Ela tinha a sua sede à sombra da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na montanha de Efraim, e os filhos de Israel vinham a ela para obter justiça” (Jz 4:5).

No Cântico dos Cânticos sua personagem mais citada é uma mulher, como veremos no quadro abaixo:

Distribuição das vozes femininas e masculinas no *Cântico dos Cânticos*.

Cap.	MULHER		HOMEM		COROS		OUTROS	
	Versos	Total	Versos	Total	Versos	Total	Versos	Total
1	2-7, 12-14, 16-17	11	8-11 15	5	—	—	1	1
2	1, 3-9, 10-13, 16-17	14	2,14	2	—	—	15	1
3	1-5	5	—	—	6?	1	7-11	5
4	16	1	1-5 7-15	14	—	—	6?	1
5	2-8, 10-16	14	1	1	9	1	—	—
6	2-3	2	4-10, 12?	8	1	1	11	1
7	11-14	4	1-10	10	—	—	—	—
8	1-4, 5b-7,10, 11-12,14	10,5	—	—	5a? 8-9,13	3,5	—	—
Total	61,5 versos		40 versos		6,5 versos		9 versos	

Quadro 1 - Atalia - A Mulher Israelita: Papel social e modelo Literário na Narrativa Bíblica¹

Se desejarmos expressar a relação feminino-masculino estatisticamente, a(s) voz(es) feminina(s) aparece(m) em aproximadamente 53% do texto, enquanto a(s) voz(es) masculina(s) aparece(m) em apenas 34%. Os restantes 13% são formados pelos coros (6%) ou são títulos e casos dúbios (7%)².

Houve também rainhas, como Jezabel em 1 Reis. Muito embora, esta não fosse israelita, mas fenícia, ela reinou em Israel e com grande influência: “Não se contentou com imitar os pecados

1 Fonte: Brenner, 2001: 64.

2 Notas: a) 2,10-13: são falados a partir de um ponto de vista masculino, mas formam uma citação juntamente com as palavras femininas. b) 3,7-11: o poema descreve a cama do rei Salomão, seus atos heroicos e casamento. É difícil defini-lo como masculino ou feminino. Talvez ele pertença mais apropriadamente a um dos coros. c) 5,2-4: é um diálogo entre um homem e uma mulher, mas transcrito nas palavras de uma mulher, 5,9 é proferido pelas “filhas de Jerusalém”. e) 8,5a – cf. 3,6: 8,8-9: atribuídos aos irmãos da menina. Cf. Brenner 2001: 65.



de Jeroboão, filho de Nabat, mas, além disso, desposou Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e rendeu o culto a Baal prostrando-se diante dele” (1Rs16:31).

Temos Ester uma Israelita que se tornou rainha da Pérsia:

E o rei a preferiu a todas as outras mulheres; desta forma diante dele alcançou favor e graça mais do que qualquer outra moça. Ele lhe impôs o diadema real sobre a cabeça e a escolheu para rainha no lugar de Vasti (Est 2:17).

Ester influenciou também na vida dos judeus que habitavam lá. Mais tarde a narrativa de Ester se tornou a etiologia que justifica o *Purim*. Sua história de fé era lida na festa do *Purim*, comemorando a libertação dos judeus que residiam na Pérsia, pois Haman³ queria a todo custo aniquilá-los. Contudo, percebe-se que, embora a cultura patriarcal predominasse no Antigo Israel, as mulheres não eram proibidas de ocuparem cargos de proeminência.

Nota-se nesse trecho que as mulheres não eram tão estigmatizadas como parece, e dessa forma, o conceito dogmático e religioso de que apenas o homem ocupa posições excelentes e ideais era apenas um equívoco.

A figura da mulher no cenário veterotestamentário é complexa, não tão facilmente discernível, de modo que, todo pensamento histórico em torno da mulher precisa ser cuidadosamente verificado para que se tenha uma compreensão sem grandes equívocos.

A mulher e os seus direitos no Antigo Testamento

Quando o assunto é lei, já temos em plano inicial alguns problemas, já que em todo tempo, desde que se começou a fazer leis, mesmo nas sociedades mais antigas sempre se buscou a manutenção de alguns privilégios daqueles que aparecem como verdadeiros criadores de normas de condutas e todo material legal para reger as relações sociais. Isso não aparece de forma desigual no Antigo Testamento, no entanto, essas leis também não deixavam de proteger direitos pertencentes às mulheres, pois não tinha o condão de apenas beneficiar algumas pessoas, mas de certa forma, e inevitavelmente tinham que beneficiar seus destinatários, sob pena de serem completamente rejeitadas pela sociedade a que se destinavam. Observa-se que a Lei no Antigo Testamento traz consigo algumas considerações que se destinam a proteger alguns direitos que dizem respeito às mulheres. Digno de nota é o texto que se encontra em Gn 31:14-16. No texto bíblico, lemos que Raquel e Lia, esposas de Jacob, lutavam pelos seus direitos diante de seu pai, pois elas

³ Homem que foi elevado a alta posição oficial pelo rei dos persas, recebendo homenagens de todos os súditos do rei, que estavam à porta do palácio. Mordecai deliberadamente negou estas homenagens a Hamã. Ofendido por esta recusa, Hamã planejou o extermínio de Mordecai e de toda a raça judaica, espalhada por todo o império. Cf. Davis 2002: 259.



compreendiam que tinham o direito à herança, já que Jacob prestou serviço a seu sogro quatorze anos referente aos dotes para se casar com elas, e que a riqueza acumulada de Labão havia aumentado muito, em virtude do trabalho de Jacob:

Raquel e Lia responderam-lhe: “Temos nós ainda uma parte e uma herança na casa de nosso pai? Não nos considera ele como estrangeiras? pois nos vendeu e em seguida consumiu nosso dinheiro? Sim, toda a riqueza que Deus retirou de nosso pai é nossa e de nossos filhos. Faze, pois, agora tudo o que Deus te disse” (Gn 31:14-16).

Há uma outra queixa das mulheres a respeito da sua herança, no livro de Números 26:33; 27:1-11. Ali lemos sobre o caso das cinco filhas de Celofhad, da tribo de Manassés, que teriam protestado perante Moisés por causa do não recebimento das suas heranças. Elas alegaram que estavam sendo injustiçadas, visto que seu pai não tinha filhos. Por conseguinte, não deveriam elas herdarem a sua propriedade? Segundo o texto, Moisés teria apresentado o caso perante Deus e a reivindicação das moças teria sido atendida. O episódio funciona como etiologia para o que se passa doravante: quando não houvesse herdeiros varões, as filhas poderiam herdar a propriedade de seu pai (KOLATCH 2003, p. 333-334). O texto também pretende evidenciar o elemento teocrático da sociedade hebraica. É Deus que decide.

Desse modo, quando as cinco filhas de Celofhad levantaram as suas vozes perante o povo e diante de Moisés e do Sacerdote Eliazer para preservar a herança de seu pai, que morrera sem deixar filhos homens, Moisés não as censuram, mas, reconhecendo diante de Deus as reivindicações das moças:

Aproximaram-se, então, as filhas Celofhad, filho de Hefer, filho de Chilad, filho de Makher, filho de Manassés, da descendência de Manassés, filho de José, as quais se chamavam Noa, Hogla, Milca, Tirsa e Makhla. Apresentaram-se diante de Moisés e do sacerdote Eleazar, diante dos chefes e de toda a assembleia, à entrada da tenda da reunião, dizendo: Nosso pai morreu no deserto. Todavia, não tomou parte na sedição que se coligou contra o Senhor, na sedição de Coré; morreu devido ao seu próprio pecado. Sem deixar filhos. Por que razão o nome do nosso pai há de ser riscado da sua família, por não ter tido filhos? Dá-nos uma propriedade entre os irmãos do nosso pai. Moisés apresentou a questão ao Senhor, e o Senhor disse-lhe: As filhas de Celofhad tem razão. Conceder-lhes-ás direito de hereditariedade entre os irmãos de seu pai, transmitindo-lhes a herança de seu pai. E falarás nestes termos aos filhos de Israel: Se um homem morrer sem deixar filhos, transmitireis a herança à sua filha. Se não tiver filha, darás a herança a seus irmãos. Se não tiver irmãos, darás a herança aos irmãos de seu pai. E se o pai não deixar irmãos, darás a herança ao parente mais próximo que tiver na família, o qual



virá a ser o seu possuidor. Isto será uma regra de direito para os filhos de Israel, assim como o Senhor ordenou a Moisés (Nm 27:1-11).⁴

Muito embora o Antigo Israel fosse reconhecido como uma comunidade em que o poder se concentrava nas mãos do masculino⁵, havia por lá homens que sabiam tratar, amar, respeitar e considerar as suas mulheres. Alguns, mesmo vivendo num momento em que a cultura predominante era o patriarcado, eles às vezes faziam aquilo que a sua mulher lhe impusera, como aconteceu na história de Abraão, em que Sara mandou Agar juntamente com o seu filho Ismael embora, errantes pelo deserto:

Ora Sara percebeu que o filho nascido a Abraão da egípcia Agar brincava com seu filho Isaac, e disse a Abraão: “Expulsa esta serva e seu filho, para que o filho desta serva não seja herdeiro com meu filho Isaac [...] Abraão levantou-se cedo, tomou pão e um odre de água que deu a Agar; colocou-lhe a criança sobre os ombros e depois a mandou embora (Gn 21:9;14).

Mulheres e escravatura

O Antigo Testamento nos apresenta duas categorias de escravas as que largamente se referem os termos *shiphah* שִׁפְחָה e ‘*amah*’ עַמָּה, se bem que, nem sempre se mantenha a distinção no uso. O primeiro aplica-se, falando de modo geral, à virgem escrava cuja tarefa era servir a senhora da casa (Gn 29:24-29; Is 24:2; Sl. 123:2; Pv 30:23), o último à escrava pertencente ao seu amo, às vezes como concubina (Jz 9:18; 19:19; Ez 23:12). Assim em Gênesis 16 Agar é descrita como serva de Sara, *shiphah* שִׁפְחָה a quem Sara oferecerá a Abraão para procriar filhos. Em Gênesis 21, como esposa escrava, Agar já é descrita como ‘*amah*’ עַמָּה, (vv. 10;12;13). No primeiro caso, Sara tinha autoridade para expulsar Agar (Gn 16:6), e no segundo, a responsabilidade é já de Abraão (21:10). Dos dois estatutos a *shiphah* parece ser a que devia assumir tarefas mais domésticas (1 Sm 25:41), (CLEMENTS, 1995, p. 371).

No Antigo Israel existia a lei sabática. Essa Lei rezava que de sete em sete anos todos os escravos deveriam ser livres, porém essa lei não era válida para a escrava “*amah*” עַמָּה, mesmo que esta possuísse marido, pois ela deveria continuar servindo sexualmente ao seu senhor. Contudo, a

⁴ Apenas esse texto foi retirado da Bíblia dos Capuchinhos. Cf. *Bíblia Sagrada*. (1968) (3ª ed.). Lisboa: Difusora Bíblica.

⁵ “Ancient Mesopotamian texts and images carved into sculptures, cliffs, and palace walls monumentalized the primacy of the male ruler. Complementing such large-scale media, thousands of intaglio seals, and their innumerable impressions, legitimated male power through depictions of the ruler in audience with gods and goddesses. Indeed, a patriarchal power structure sustained Mesopotamian civilization. Even so, women played vital roles in all levels of society.” GANSELL, A. R. Ancient Mesopotamia Women in S. L. James; S. Dillon (Eds.), *A Companion to Women in the Ancient World*. Blackwell Companions to the Ancient World. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2012, p. 11.



escrava *'amah'* עַמָּה, possuía alguns direitos e estes eram protegidos pela lei. No caso de dispensa do seu patrão, ela não deveria ser revendida (Ex 21:8). Sua família era autorizada a comprar sua liberdade. Se designada para o filho do patrão, ela deveria ser tratada como filha (v. 9). Se o patrão tomava outra mulher, seus direitos maritais não deviam ser diminuídos (v.10). “De outra forma, ela deve ser posta em liberdade. Se o relacionamento chegasse ao fim, sempre terminava em liberdade. As regulamentações que governavam as exceções têm em mente os interesses do escravo e não os do patrão” (WOLF 1974, p. 201 apud CLEMENTS 1995, p. 372).

A lei, equivalente à que se lê em Deuteronômio (15:12-18) é de igual modo entre escravos e escravas, pois, lhes dá totais direitos de receberem liberdade após seis anos de trabalho.

O ideal de igualdade

Coppes (1998, p. 13) in Harris; Archer Júnior; Waltke (1988), afirma que sobre o termo hebraico אָדָם *adam* não se pode ser explicado com certeza o seu sentido etimológico. No entanto, ele está provavelmente relacionado com a cor avermelhada da pele humana. Kirst et al (2010, p. 13) o definem como “designação da espécie humana”. Isto correspondendo ao sexo masculino e feminino. Esta explicação também está em conformidade ao contexto em que a expressão se encontra. Coppes (1998, p. 13) in Harris; Archer Júnior; Waltke (1988), ressalta que a expressão está relacionada com a criação da espécie humana de acordo a imagem de Deus. Por este motivo é necessário ressaltar a diferença de אִישׁ *'ish* “homem” em contraste com אִשָּׁה *'ishsha*, “mulher”. Assim sendo, na leitura bíblica, a mulher foi criada com a mesma valia do homem como cópia física, a diferença está tão somente no sexo/gênero. Sendo assim, homem e mulher são a imagem de Deus. As Escrituras informam que “Deus criou o homem à sua imagem, a imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou” (Gn 1:27). Em Gênesis 2:15-17 diz que Javé tomou o homem e o colocou no jardim do Édem para o cultivar e o guardar. E Javé deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”. Laraia (1997), comenta que é exatamente esta interdição que é rompida por Eva. A versão canônica é que a mulher assim procedeu tentada pela serpente, sob a alegação de que o consumo da fruta proibida a tornaria tão poderosa como Deus. Acreditando na pérfida serpente, Eva comeu do fruto proibido e convenceu o seu companheiro a fazer o mesmo. A maior punição por este ato de desobediência original foi a perda da imortalidade, a partir de então os homens tornaram-se mortais. No entanto, é perceptível



que depois da queda Deus distribuiu alguns outros castigos sobre a mulher, mas também não imunizou o homem de sofrimentos (Gn 3:16-20).

E, Javé fez o homem e a mulher à sua imagem e semelhança (Gn 1:27). Javé deu-lhes ordem para sujeitarem e dominarem a terra (Gn 1:26-27). Não existe nestes versículos nenhuma referência de que um ser humano deveria em hipótese alguma dominar outro ser humano. Quando Deus pensa em criar o homem, de igual modo ele também pensa em criar a mulher e realiza o seu desejo.

Trible (1973) apud Clements (1995, p, 373) traz à baila que Deus visa fazer da mulher uma ajudante para o homem ('ezer' עֵזֶר), uma ajudante apropriada, igual e adequada a ele (*knegdo* כְּנֶגְדּוֹ). A palavra 'ezer' עֵזֶר é, como observa Trible, termo relacional e não especifica posição dentro do relacionamento. Na maioria dos casos, a palavra refere-se à Javé como ajudante do seu povo (Ex 18:4; Dt 33: 20-26; Sl 33:20; 70:6; 115:9ss; 146:5).

É sabido, que muitas culturas patriarcais consideravam a mulher inferior ao homem. Este acontecimento era consequência do entendimento patriarcal que vigorava na mente das pessoas daquela época e que consideravam o fato de Eva ter sido tentada pela serpente e ter caído na sua tentação (Gn 3:1-6). Em contrapartida, Adão, que havia recebido a ordem diretamente de Deus para não comer do fruto proibido, seguiu a sua companheira sem fazer questionamento algum, comendo também do mesmo fruto. Como se diz popularmente: “Se Eva deu mancada, Adão também deu!”.

Finalmente, Gênesis 3:16 não é concessão à supremacia masculina. “À mulher ele disse: “Multiplicarei as dores das tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará” Esse fato é sintoma da desordem da criação, da ruptura do relacionamento com Deus que traz em sua esteira ruptura no relacionamento humano (EVANS 1983, p. 19).

Conclusão

A cultura hebraica construiu uma imagem da mulher, de acordo com os valores sociais, mentais e culturais em que se formatou, ou seja, em um sistema patriarcal, o qual tem por alicerce dois sustentáculos básicos: a hierarquização e a dominação e como isso, influenciou a ideia de feminino em outras culturas.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 83. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985.



BRENNER, Athalia. *A mulher Israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CLEMENTS, R. E. *O Mundo do antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Tradução de J. R. Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

EVANS, M. *Women in The Bible*. Exeter: Paternoster Press, 1983.

GANSELL, A. R. Ancient Mesopotamia Women in S. L. James; S. Dillon (Eds.), *A Companion to Women in the Ancient World*. Blackwell Companions to the Ancient World. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2012,

HARRIS, R. L.; Archer Júnior, G. L.; Waltke, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KOLATCH, A. J. *Livro Judaico dos Porquês*, 4. ed. São Paulo: Sêfer, 2003.

LARAIA, R. de B. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v.40, n. 1,p. 149-164, 1997.

Recebido: 03-01-2022

Aceito: 20-05-2022